

## **A sensibilidade cosmopolita: sentimento histórico e anglofilia nas obras de Joaquim Nabuco e Henry James<sup>1</sup>**

Luiza Larangeira da Silva Mello

Este artigo consiste em um exercício de história das sensibilidades, que busca comparar as obras do ficcionista e crítico literário norte-americano Henry James (1843–1916) e do escritor, político e diplomata brasileiro Joaquim Nabuco (1849–1910), no que diz respeito a suas respectivas experiências de cosmopolitismo – em particular sua anglofilia. Essas experiências podem se iluminar mutuamente e ajudar-nos a compreender melhor a moderna figura do intelectual e do artista cosmopolita, que emerge na virada do século XIX para o XX.

Partindo da ideia de uma sensibilidade cosmopolita, proponho-me a investigar de que modo o que chamarei de “sentimento histórico” contribuiu para que Henry James e Joaquim Nabuco modelassem suas subjetividades e interpretassem a cultura de seus respectivos países de origem. Ao longo das páginas que se seguem, procurarei desenvolver o argumento de que, no caso de ambos os autores, podemos encontrar um forte vínculo intelectual e sentimental entre cosmopolitismo, anglofilia e a valorização do passado e da tradição. Em outras palavras, meu objetivo é compreender o sentido que James e Nabuco atribuem ao passado e à tradição e de que modo este sentido informa seu cosmopolitismo e sua simpatia pela cultura e sociedade inglesas. No entanto, antes de iniciar a análise propriamente dita do tema deste texto, gostaria de situar a comparação entre esses dois autores no contexto mais amplo da história intelectual concernente ao meu objeto. É impossível pensar na produção intelectual e artística de James e Nabuco sem pensar de que maneira eles elaboraram questões recorrentes à cultura intelectual da *Belle Époque*, a qual aludiremos, aqui, genericamente, como cultura modernista.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

<sup>2</sup> Convém ressaltar a diferença entre o período na história intelectual que ficou internacionalmente conhecido como modernismo – o qual abarca as últimas décadas do século XIX e a primeira do século XX – e o movimento modernista bra-

James e Nabuco colheram os frutos do alto capitalismo europeu e de uma cultura extremamente racionalizada e urbanizada. Como a muitos intelectuais e artistas seus contemporâneos, parecia-lhes que a vida do espírito encontrava-se cada vez mais distante da vida cotidiana; que a experiência esvaziara-se de seu conteúdo afetivo e criativo; ou, nas palavras de Walter Benjamin, que a “experiência inóspita, ofuscante da época da industrialização em grande escala” parecia substituir a “verdadeira” experiência, isto é, a experiência que é “matéria de tradição”, na qual “entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual, com outros do passado coletivo”.<sup>3</sup> Como sugeriu Georg Simmel, em *A filosofia do dinheiro* e em diversos ensaios escritos entre 1890 e 1910, sobretudo no contexto das metrópoles modernas, experimentava-se um tempo acelerado e cronologizado, relações humanas monetarizadas e marcadas pelo cálculo, relações sociais em que o individualismo prevalecia ao máximo e, paradoxalmente, cada indivíduo se tornava cada vez mais “igual” a todos os outros.

Simmel se refere a dois momentos específicos, na Época Moderna, do que se pode aludir como individualização e singularização do sujeito, respectivamente. O primeiro faz referência às transformações sociais, políticas e intelectuais que, a partir do século XVIII, “liberaram” o indivíduo dos vínculos de ordem tradicional, ou, nas suas palavras, “das ligações violentadoras, que se tornaram sem sentido, de tipo político e agrário, corporativo e religioso”.<sup>4</sup> O segundo é resultado da singularização do indivíduo por meio de sua “função” social, produto da divisão econômica do trabalho e da filosofia do liberalismo, típica do século XIX. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que a atomização dos indivíduos e a objetivação e quantificação dos valores humanos apontam para a indiferença com que as relações interpessoais são mediadas, intensifica-se a necessidade de escapar ao tratamento indiferente, isto é, a necessidade de singularizar-se.

Durante os três últimos decênios do século XIX e os dois primeiros do século XX, muitos intelectuais europeus buscaram meios de singularização. Uma dessas

sileiro – que teve seu auge na década de 1920 –, cujo correspondente europeu e do restante da América ficou conhecido como movimento das vanguardas.

<sup>3</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 105-107. (Obras Escolhidas 3)

<sup>4</sup> SIMMEL, George. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 589, out. 2005.

formas manifestou-se na tentativa de escapar de limites identitários rígidos, por meio de uma automodelagem subjetiva que buscava priorizar identidades heterogêneas. É no sentido dessa busca que muitos artistas e intelectuais da virada do século apostaram em um deslocamento geográfico e cultural, que permitisse a relativização dos valores inerentes à moderna cultura europeia; que permitisse o encontro com a autenticidade, que, supostamente, a vida nas Américas, na África ou na Ásia poderia proporcionar. Esse é o caso, por exemplo, de experiências tão diversas quanto aquelas presentes nas narrativas ficcionais de Joseph Conrad, na antropologia de Bronislaw Malinovsky, ou ainda no exílio do jovem poeta Arthur Rimbaud. Nos três exemplos, o esforço de alguns indivíduos no sentido de conhecer ou simplesmente experimentar uma cultura radicalmente diferente da sua própria implica a incorporação da diferença à própria subjetividade.

Henry James e Joaquim Nabuco tomaram a mesma direção, porém caminharam em sentido contrário. Tendo nascido no continente americano, trata-se, em seu caso, menos da incorporação subjetiva de uma alteridade radical e mais da renovação do contato com aquilo que eles consideravam a porção universal de sua subjetividade, aqueles elementos contidos na herança cultural europeia que, nas palavras de Nabuco, representam “afinidades esquecidas, mas não apagadas”.<sup>5</sup> Para ambos, aquela experiência que é “matéria da tradição” ainda poderia ser encontrada no Velho Mundo; mesmo em se tratando de um velho mundo bastante transformado pelas inovações da modernidade. Ao contrário de Conrad, Malinovsky ou Rimbaud, eles não identificavam a autenticidade cultural com a vida selvagem e a ausência de civilização, mas com os elementos da cultura tocados pelo dedo da História, preservadores dos rastros do passado. O autêntico desvela-se, para eles, não onde a modernidade corrompeu a tradição, mas onde a civilização evoluiu ao ponto de conservá-la. É em sua admiração pela harmonia entre modernidade e tradição que se assenta a anglofilia de James e Nabuco. Uma metrópole tão moderna quanto Londres, na segunda metade do século XIX, poderia ainda, segundo eles, exercer o papel de difusora de valores humanos universais justamente por estar ancorada em sólidas tradições. Tal paradoxo dificilmente seria encontrado na América.

<sup>5</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 49.

## ANGLÓFILOS

Em um dos relatos de seu *English hours*, Henry James comenta a opinião de alguns de seus conterrâneos em viagem pela Europa de que o Império Britânico estava em crise e seu poderio ameaçado pela política mais eficaz das nações continentais. Quase com mágoa, ele declara que “essas pessoas estão apenas de passagem por Londres, e muitas delas naquela irritadiça condição mental que parece ser característica ao viajante americano na metrópole inglesa, quando ele não é afeito aos prazeres do sentimento histórico”.<sup>6</sup> James, ao contrário desses seus compatriotas, justamente por ser dado a esses prazeres, sente-se confiante de que o poder de ação política e o papel civilizador do Império Britânico estavam ainda longe de se extinguir. Como o príncipe italiano Amerigo, de seu romance *A taça de ouro*, James reconhecia “na Londres do presente, muito mais do que na Roma contemporânea, a real dimensão de um [...] *Imperium*”.<sup>7</sup>

Como James, Joaquim Nabuco era também afeito aos “prazeres do sentimento histórico”; e, como James, estabelecia com frequência uma associação entre o desfrute desses prazeres e o reconhecimento da eminência do Império Britânico em sua época. A analogia entre a moderna capital dos ingleses e a Roma antiga também é estabelecida por Nabuco, em *Minha formação*, compilação de ensaios memorialísticos, publicados em 1900. “Londres foi para mim”, declara ele, “o que teria sido Roma, se eu vivesse entre o século II e o século IV”. Do ponto de vista de um “provinciano do século XIX”, como Nabuco chama a si próprio, essa é “uma impressão *universal*, da cidade que campeia acima de todas as outras”.<sup>8</sup> Essa impressão universal que Nabuco associa à capital do império inglês atravessa também as horas inglesas de Henry James. O escritor norte-americano compartilha com o brasileiro o sentimento de que Londres é “a propriedade e mesmo o lar da raça humana [...] e nossa apreciação por ela é de fato uma grande simpatia, um totalizante amor pela humanidade”.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> JAMES, Henry. *Collected travel writings: Great Britain and America*. Nova York: The Library of America, 1993. p. 146. Esta e as demais citações de obras estrangeiras têm tradução livre.

<sup>7</sup> JAMES, Henry. *The golden bowl*. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2000. p. 3.

<sup>8</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 86.

<sup>9</sup> JAMES, Henry. *Collected travel writings: Great Britain and America*, p. 21.

A anglofilia desses dois autores não deve ser considerada mera idiossincrasia. Tendo nascido nas “províncias” americanas do Ocidente moderno, nada lhes parecia mais natural que a atração sentida pelo centro do Império mais poderoso de sua época. Por estar a Inglaterra na liderança da difusão do modelo de civilização com o qual se identificavam, James e Nabuco reconheciam em Londres a capital da humanidade, tal como a reconheceria em Roma aquele que, no início da era cristã, fosse trasladado para esta cidade de sua “aldeia transalpina ou do fundo da África romana”.<sup>10</sup>

Mas não era apenas esse lugar de centralidade política e a condição imperial que inspirava a anglofilia dos nossos autores; ela se alimentava, sobretudo, no tipo de manifestação do sentimento histórico que ambos associavam ao “espírito inglês”. Examinando a história intelectual de século XIX e do início do XX, no Ocidente, podemos distinguir, *grosso modo*, dois tipos de relação com o passado: um tradicionalista ou conservador e um progressista ou liberal. Se, por um lado, não devemos negligenciar os inúmeros matizes, subdivisões, interseções, contradições internas, versões moderadas ou radicais referentes a cada um desses tipos, não podemos negar, por outro lado, que eles tenderam muitas vezes à polarização. No caso tanto de James, quanto de Nabuco, a adesão a um tipo de relação *tradicionalista* com o passado não implicou, contudo, nenhum radicalismo, e o senso do passado raramente se converteu em nostalgia por um tempo perdido ou uma era de ouro. Por outro lado, a ênfase excessiva que, na modernidade, se atribuía ao presente e, sobretudo, ao futuro, em detrimento do passado, era perturbadora para os dois.

James e Nabuco foram fortemente atraídos, portanto, pelo tradicionalismo moderado que consideravam característico ao “espírito inglês”. Nabuco define tal tradicionalismo como a combinação de dois princípios básicos: a “superstição do costume” e o “espírito de aperfeiçoamento e de progresso”;<sup>11</sup> ou seja, uma espécie de iluminismo a um só tempo aristocratizante e reformista que permite, por um lado, a conservação dos elementos exteriores da tradição e a transformação de conteúdos essenciais; e, por outro, a permanência de princípios fundamentais, por meio da flexibilização das bases nas quais eles estão ancorados.

<sup>10</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 86.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 106.

Esta peculiar combinação entre espírito de progresso e espírito de tradição, que marcava o caráter inglês, concentrava-se nas especificidades da capital britânica. Vale a pena, por conseguinte, o esforço de melhor compreender quais são essas especificidades da grande metrópole dos ingleses e, um dos modos de fazê-lo, é retratar o caminho de parte da história literária do século XIX.

\* \* \*

Ainda na primeira metade do século XIX, Londres foi a cidade escolhida, por dois autores norte-americanos, Edgar Allan Poe e Nathaniel Hawthorne, como o cenário no qual se desenrola as narrativas de “O homem da multidão” e “Wakefield”. Entre 1835 e 1840, período em que os contos foram publicados, a capital inglesa figurava como a grande cidade moderna. Nessa época, mesmo a altas horas, pequenas e secundárias ruas de Londres apresentavam tanto movimento quanto o que era “comumente visto, ao meio-dia, na Broadway perto do parque – tão vasta diferença exist[ia]”, conta Poe, “entre a população de Londres e aquela da mais frequentada cidade americana”.<sup>12</sup> Poe e Hawthorne associam a metrópole inglesa à ideia da multidão, que apaga as singularidades individuais, ao convertê-las em mera excentricidade. O filósofo e poeta norte-americano Ralph Waldo Emerson, por sua vez, a vincula, em seus *English traits*, à ideia de uma existência inteiramente mecanizada que rouba ao indivíduo seu livre-arbítrio:

As máquinas foram destinadas a fazer todo o trabalho e foram concebidas com tal perfeição que quase nada mais cabe aos homens fazer senão cuidar de seus mecanismos e alimentar as fornalhas. As máquinas, contudo, requerem exatidão de operação e, como elas nunca se cansam, dão um trabalho excessivo a seus operadores. Minas, forjas, moinhos, cervejarias, ferrovias, bombas a vapor, arados mecânicos, disciplina dos regimentos, disciplina policial, regra de corte e regra de loja são exercidas para imprimir regularidade mecânica aos hábitos e ações dos homens. Uma terrível maquinaria tomou posse do solo, do ar, dos homens e mulheres, e até o pensamento não é totalmente livre.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> POE, Edgar Allan. *Selected works*. Nova York: Gramercy Books, 1990. p. 243-244.

<sup>13</sup> EMERSON, Ralph Waldo. *Essays & lectures*. Nova York: The Library of America, 1983. p. 822.

Ao comentar essa passagem, Lionel Trilling chama a atenção para o fato de que Emerson não está se referindo à vida da classe proletária ou simplesmente às consequências de uma sociedade industrial, tais como a mecanização da produção de bens; refere-se sobretudo à influência que a ideia de mecanização “exerce na conduta da vida, impondo hábitos e formas de pensamento que fazem com que seja cada vez menos possível acreditar que o homem é homem”.<sup>14</sup> Na esteira de Trilling, poderíamos dizer que Emerson representa o fenômeno do qual Simmel trata em *A grande cidade e a vida do espírito* e em *A filosofia do dinheiro*, qual seja, a exacerbada objetivação da vida e das relações humanas pelo domínio do entendimento e pelo que Henry James, por sua vez, se refere como o “apaixonado propósito pecuniário”.<sup>15</sup> Tal objetivação se manifesta não apenas na indiferença que media as relações entre os indivíduos, como também na organização mecânica de sua vida, baseada no princípio da pontualidade e na regulamentação legal dessas relações.<sup>16</sup>

A passagem de Emerson anteriormente citada se segue, no entanto, a uma outra que aparentemente a contradiz, porquanto contém o elogio da liberdade e autonomia dos indivíduos na sociedade inglesa:

[Os ingleses] exigem que você tenha sua própria opinião e eles odeiam o covarde que, nas situações práticas, não sabe responder sim ou não. Eles ousam desagradar, não!, eles permitem que você desrespeite todas as regras se você o fizer genuína e espiritualmente. Você precisa se tornar alguém; e então você pode fazer isso ou aquilo, de acordo com a sua vontade.<sup>17</sup>

Emerson coloca lado a lado, paradoxalmente, estes dois aspectos da sociabilidade na metrópole inglesa: a ideia de uma vida social mecanizada e a ideia de autonomia individual. Talvez isso possa ser explicado pela percepção do filósofo de Massachusetts de que, na sociedade inglesa, tradicionalmente, a autonomia individual, ou seja, o “ser alguém”, fundamenta-se em um grande mecanismo

<sup>14</sup> TRILLING, Lionel. *Sincerity and authenticity*. Cambridge; MA: Harvard University Press, 1972. p. 126.

<sup>15</sup> JAMES, Henry. *Collected travel writings: Great Britain and America*, p. 447.

<sup>16</sup> Cf. SIMMEL, Georg. *The philosophy of money*. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1978.

<sup>17</sup> EMERSON, Ralph Waldo. *Essays & lectures*, p. 822.

social, em que cada um só é “alguém” a partir de um lugar socialmente determinado. Além disso, a mecanização da vida, na era da divisão social do trabalho, não parece ser suficientemente intensa a ponto de apagar singularidades individuais alicerçadas em tradições ancestrais. E se não é suficiente para Emerson, em meados do século XIX, ainda não será para Henry James e Joaquim Nabuco, no final desse século.

\* \* \*

Assim é que um paradoxo muito semelhante ao que se encontra presente nas citadas passagens de *English traits* também pode ser observado em *English hours*. A primeira impressão de James da metrópole inglesa se refere à “imensidão” de suas dimensões. E a gigantesca Londres parece a ele tão “prodigiosa” e “estupenda”, quanto “infernai”.<sup>18</sup> De seu primeiro contato com a cidade, depois de se tornar adulto, James retém a impressão, descrita nos relatos vinte anos mais tarde de que “Londres era repulsiva, viciosa, cruel e acima de tudo opressiva; independentemente de ser ou não ‘preocupada com os tipos humanos’, ela se mostrava tão indiferente quanto a própria Natureza à existência singular”.<sup>19</sup> Entretanto, essas impressões são quase instantaneamente amenizadas pelo bem-estar oriundo da imediata sensação de familiaridade que James experimenta ao entrar na Inglaterra:

A sensação de proximidade já era quase intoleravelmente forte em Liverpool, onde, como me lembro, a percepção do caráter inglês de todas as coisas era tão aguda como uma surpresa, embora fosse surpresa sem choque. Essa percepção era uma expectativa deliciosamente gratificada, superabundantemente confirmada. Suscitava uma certa mistura de espanto e maravilhamento que a Inglaterra fosse tão inglesa quanto, para meu entretenimento, ela se dava ao trabalho de ser. Mas o espanto seria ainda maior, e o prazer totalmente ausente, se essa sensação não tivesse sido violenta.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> JAMES, Henry. *Collected travel writings: Great Britain and America*, p. 15-18.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 13-14.



A impressão de familiaridade que James sente em relação à Inglaterra, ou melhor, em relação a um determinado “espírito inglês” é, até certo ponto, semelhante àquela que sente quando volta a Boston, após muitos anos de ausência. Mas, na Inglaterra, a familiaridade surge menos como lembrança e mais francamente como uma universal herança cultural. Ao mesmo tempo em que a Inglaterra se lhe apresenta intensamente “inglesa” – e isso o surpreende apenas superficialmente, pois o contrário é que seria, na verdade, um choque –, ela lhe parece familiar. Em Boston, a sensação de familiaridade se explica pelo fato de James lá ter vivido boa parte de sua adolescência, além de se tratar da cidade-berço da história dos Estados Unidos. Nesse primeiro contato do autor com a capital inglesa, entretanto, a familiaridade se origina não da relação pessoal de James com a Inglaterra, mas do aspecto universal das tradições inglesas; aspecto que se fundamenta nas dimensões imperiais assumidas pela cultura inglesa. Ao passar pela estátua da rainha Ana, por exemplo, James revela entusiasmado que “toda a história parecia viver novamente, e a continuidade das coisas [parecia] vibrar em [sua] mente”.<sup>21</sup> A impressão da “continuidade das coisas” é explicada por sua afirmação de que a “sociedade inglesa significa, [...], em um alto grau, a história inglesa”.<sup>22</sup> E a história inglesa se torna universal na medida em que o império inglês encabeça o processo civilizador na época moderna. Mas é na capital desse império que a impressão de universalidade, que combina tradição e modernidade, se torna mais intensa para o autor de *English hours*:

O leitor perceberá que eu não me esquivo nem mesmo à extrema concessão de falar da nossa capital como britânica, e isso em uma inocente conexão com a questão da lealdade da parte de um filho adotivo. Pois eu me apresso em explicar que, [...] o interesse que se tem em [Londres] vem do sentimento de que ela é propriedade e mesmo o lar da raça humana – Hawthorne, o melhor dos americanos, o diz em algum lugar e a coloca, nesse sentido, lado a lado a Roma [...]. Pelo bem de uma compaixão como esta pode-se alargar a sua lealdade; e o mais estrangeiro dos ‘cockney-

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 26.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 16.

ficados',<sup>23</sup> embora possa se arrepiar protestando contra a sugestão de que a Inglaterra pôs nele sua marca, sente-se livre para admitir, com orgulho consciente, que se submeteu a uma Londrescização. É um real golpe de sorte para este país específico o fato de que a capital da humanidade seja britânica. Certamente todos os outros povos teriam tido a sua se pudessem.<sup>24</sup>

Londres como a capital, não somente do Império Britânico, mas da humanidade! E, portanto, não apenas um “filho adotivo”, como o próprio James, mas todo homem deveria estender sua lealdade nacional à Inglaterra, ou ao menos à sua capital. Por seu vínculo nacional adventício, James é um norte-americano, e fala do ponto de vista de um norte-americano, embora não seja, na Inglaterra, um estrangeiro comum, mas um “filho adotivo”. Contudo, por fazer parte da humanidade, ele acredita poder estender sua identidade nacional de modo a incluir, senão propriamente a nacionalidade inglesa, ao menos uma “nacionalidade londrina” que é, em outras palavras, uma nacionalidade universal.

A analogia entre a moderna Londres e a antiga Roma, retomada na referência a Hawthorne, contribui para a compreensão da ambígua sensação que James experimenta na capital inglesa de estar conectado ao universal e, simultaneamente, de uma expansão de sua individualidade. Em um ensaio sobre Roma, Simmel argumenta que a combinação dos múltiplos e muito diversos elementos e tempos históricos que a compõem, combinação que resulta em uma unidade não intencional, é responsável por sua universalidade. Essa sensação da unidade, de uma totalidade formada a partir de elementos diferentes, imprime a cada elemento particular um aspecto e uma dimensão universais. Do mesmo modo, cada indivíduo, em Roma, sente que as particularidades sócio-históricas, que informam o seu “eu singular”, se fundem em uma sensação de universalidade. E, como contrapartida, justamente pela universalidade de Roma, todo aquele que entra em contato com ela pode expressar, no mais alto grau, sua singularidade. “Roma indica a cada um o seu lugar”, diz Simmel, parafraseando Ludwig Feuerbach. E continua:

<sup>23</sup> *Cockney* é o nativo de East End, região de Londres caracterizada, a partir de finais do século XIX, pela concentração de um grande número de imigrantes e por ser uma região majoritariamente proletarizada e superpopulada, cujos habitantes podiam ser distinguidos por seu sotaque bastante peculiar.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 21.

O particular que é consciente de si no interior desta imagem do todo esquece a posição que lhe foi atribuída por seu próprio círculo estreito, fechado, sócio-histórico, e se vê de repente vinculado a um sistema de valores extremamente diversos e que vivem com ele, em relação ao qual ele se deve medir de uma maneira, por assim dizer, objetiva. É como se, em Roma, nós tivéssemos sido abandonados por tudo o que as condições temporais fizeram de nós, – pelo e contra o centro de nossa própria essência. Nós nos sentimos reduzidos a nossas próprias forças e significações interiores, como os conteúdos o são em Roma.<sup>25</sup>

Algo análogo ocorre, segundo James, em Londres, sobretudo do ponto de vista de um estrangeiro ou mesmo de um “filho adotivo”. No coração da metrópole, em meio às tradições milenares da Inglaterra e às relíquias de sua história, todo homem, vindo de qualquer parte do mundo, sente que seus vínculos adventícios são como que suprimidos em favor do nexos entre aquilo que lhe é mais singular com aquilo que é mais universal. Não que um francês, um brasileiro ou um norte-americano deixem de ser, em Londres, francês, brasileiro ou norte-americano. Ao contrário, o que ocorre é que os aspectos de seu “eu singular”, inclusive aqueles que expressam sua origem nacional, podem expandir-se e manifestar-se livremente, em uma palavra, podem universalizar-se ao contato da capital da humanidade. Como Roma, e como “a própria Natureza”, “Londres é indiferente à vida singular”, no sentido de que, frente à sua imensa dimensão, as questões e preocupação cotidianas, particulares e comecinhas não conseguem ser captadas pelo que James alude como “os olhos e os ouvidos”<sup>26</sup> da cidade: a vida singular tende a se manifestar naquilo que ela é universal. Tudo o que é pequeno, mesquinho, momentâneo e particular não tem sua presença reconhecida por mais do que um breve intervalo de tempo, pois compete com milhares de outros elementos da mesma natureza. “Hábitos e inclinações”, afirma James, “florescem e caem, mas a intensidade nunca está entre eles”.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> SIMMEL, Georg. *Philosophie de la modernité*. La femme, la ville, l'individualisme. Paris: Payot, 1989. p. 258.

<sup>26</sup> JAMES, Henry. *Collected travel writings: Great Britain and America*, p. 19.

<sup>27</sup> *Ibid.*

Além disso, em Londres, toda a mudança ou modernização é ancorada na tradição, assim como suas leis são ancoradas em seus costumes. A grande quantidade de estímulos a que os indivíduos são submetidos na dinâmica da grande cidade é como que compensada, ou melhor, equilibrada pela estabilidade dos modos de vida e do *ethos* tradicional. Desse modo, cada indivíduo, sustentado pela posição que ocupa na sociedade e pelo *ethos* que corresponde a essa posição, é capaz de se adaptar mais facilmente às transformações e suportar os choques, preservando os aspectos singulares de sua personalidade.

\* \* \*

Universalismo e individualidade; tradição e modernidade: esses pares de elementos que se opõem, ao mesmo tempo em que se complementam, estão também no cerne da anglofilia de Joaquim Nabuco. O escritor brasileiro inicia o décimo capítulo de suas memórias, intitulado “Londres”, perguntando-se qual cultura nacional escolheria, caso a humanidade tivesse de ser reduzida a apenas uma – isto é, qual cultura nacional melhor representaria a humanidade. Indeciso, a princípio, entre escolher a cultura francesa ou a inglesa, ele assim encerra o dilema: “O meu dever seria, talvez, escolher a França. ‘Se Madame Récamier e eu estivéssemos a nos afogar, qual de nós duas o senhor salvaria?’”, perguntou uma vez Madame de Staël ao seu amigo Talleyrand. *‘Oh! Madame, vous savez nager’*. A Inglaterra, também, sabe nadar”.<sup>28</sup>

Nessa metáfora de Nabuco está contido um elogio à flexibilidade inglesa. A Inglaterra sustenta-se por suas próprias forças, pois a cultura inglesa é caracterizada pela capacidade de se adaptar plasticamente às mudanças, às contingências, às situações imprevistas. E essa capacidade origina-se justamente da combinação entre universalismo e individualismo. O universalismo inglês, segundo Nabuco, não possui “todos os raios do espírito humano”, como o gênio francês. A cultura inglesa é particularista e exclusivista, mas é essa “individualidade inamalgável” que a torna “mais sã, mais elástica”; que permite que ela tenha “maior vigor mesmo de gênio e de criação; maior provisão de vida e de força”.<sup>29</sup>

<sup>28</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 85.

<sup>29</sup> *Ibid.*

A Inglaterra é, para o autor de *Minha formação*, o país ideal para que se desfrute os “prazeres do sentimento histórico”. Lá, a “tradição, base do temperamento nacional”, possui um efeito estabilizador da ordem social que gera, como contrapartida, uma profunda liberdade individual. “Para o inglês”, afirma Nabuco, “se a liberdade é o grande atributo do homem, se ele a sente como desenvolvimento de personalidade, a ordem é a verdadeira arquitetura social”.<sup>30</sup> Essa peculiar combinação de ordem e liberdade caracteriza até mesmo as multidões da grande metrópole britânica. Em Londres, “nas ruas calçadas de madeira, para ainda mais amortecer o ruído”, em meio à “multidão que não perde um minuto, indiferente a si mesma, à qual nada distrairia o olhar nem arrancaria uma sílaba”,<sup>31</sup> o indivíduo sente-se livre para expandir sua personalidade – experiência oposta àquela que se tem em Paris, onde o indivíduo, ao invés de libertar-se subjetivamente *em meio* à multidão, tem, todo o tempo, de representar um papel social *para* a multidão:

Paris é um teatro em que todos, de todas as profissões, de todas as idades, de todos os países, vivem representando para a multidão de curiosos que os cercam; Londres é um convento, em forma de clube, em que os que se encontram no silêncio da grande biblioteca ou das salas de jantar não dão fé uns dos outros, e cada um se sente indiferente a todos. Em Paris a vida é uma limitação; em Londres, uma expansão; em Paris um cativo, cativo da arte do espírito, da etiqueta, da sociedade, cativo agradável como seja, mas sempre um cativo, exigindo uma vigilância constante do ator sobre si mesmo diante do público que repara em tudo, que nota tudo; em Londres é a independência, a naturalidade, a despreocupação. *Ceci tuera cela*.<sup>32</sup>

Como diria Henry James, Londres é “tão indiferente quanto a própria Natureza à existência singular”; mas é precisamente essa indiferença que permite o aprofundamento e expansão das singularidades. Os traços que caracterizam o

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 105.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 87.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 89.

“espírito inglês”, traços que comumente combinam-se de modo a formar pares em relação dialética – ordem e liberdade; individualismo e universalismo; tradição e progresso – influenciam fortemente a modelagem subjetiva do narrador de *Minha formação*. “A influência inglesa” – título do décimo segundo capítulo das memórias – molda as três linhas fundamentais que viriam a orientar tanto a face pública quanto a face privada da personalidade de Nabuco: o monarquismo, o abolicionismo e o cristianismo. A admiração pela flexibilidade da monarquia parlamentar inglesa leva nosso autor a rejeitar o republicanismo de sua primeira juventude. A “dupla influência do governo inglês e da liberdade inglesa era”, afirma ele, “monárquica. Não podia deixar de inclinar-me interiormente à monarquia a ideia de que o governo mais livre do mundo era um governo monárquico”.<sup>33</sup>

Processo semelhante de influência ocorre no caso da adesão de Nabuco ao movimento abolicionista. “A abolição”, escreve, “era uma reforma que o espírito inglês anteporia a todas as outras por toda ordem de sentimento.”<sup>34</sup> Foi, na Inglaterra, que Nabuco escreveu *O abolicionismo*, após ter perdido as eleições para deputado em 1881. Se a própria escravidão fora um mal trazido para a América pelos europeus, os ingleses, por sua vez, pareciam fornecer o antídoto.

Finalmente, foi em meio à serenidade da gigantesca metrópole inglesa, ambiente privilegiado da conexão entre o indivíduo e os valores universais, que Nabuco reencontra o cristianismo perdido nas brumas da infância:

Foi em Londres, graças a uma concentração forçada, a qual não seria possível para mim senão em sua bruma, que minha inteligência primeiro se fixou sobre o enigma do destino humano e das soluções até hoje achadas para ele, e insensivelmente, na escondida igreja dos jesuítas, em Farm Street, onde os vibrantes açoitos do padre Gallaway me fizeram sentir que minha anestesia religiosa não era completa, depois no oratório de Brompton, respirando aquela pura e diáfana atmosfera espiritual impregnada do hálito de Faber e de Newman, pude reunir no meu coração os fragmentos quebrados da cruz e com ela recompor os sentimentos esquecidos da infância.<sup>35</sup>

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 100.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 108.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 91.

As três grandes influências da Inglaterra sobre o espírito do autor de *Minha formação* – o abolicionismo, o monarquismo e o cristianismo – representam o encontro dos traços mais particulares de sua individualidade (a “fôrma em que [...] foi vazado ao nascer”<sup>36</sup>) com o universal. “Eu sinto a ideia de Deus no mais afastado de mim mesmo”, escreve Nabuco no famoso capítulo intitulado “Massangana”. O mais afastado de si mesmo é o ponto de interseção entre uma herança ancestral, que o liga a importantes tradições da humanidade, e os aspectos mais íntimos de sua subjetividade; é, ao mesmo tempo, o “sinal amante e querido de diversas gerações”<sup>37</sup> e os símbolos familiares que infundiram sentido em sua pequena existência de criança. A infância é, por excelência, o momento deste encontro entre o particular e o universal, que somente se renovará outra vez na velhice.

É uma semelhante renovação da infância que Henry James experimenta nas primeiras impressões que forma de sua terra natal, em 1904. Essas impressões destoam daquelas que dão o tom mais geral dos relatos e exprimem a velocidade das transformações impulsionadas pela típica “vontade de crescer” americana. As primeiras impressões, ao contrário, referem-se a um “passado que remonta a bem lá atrás; parte de uma cadeia de associações que retrocedia à atmosfera indefinida da extrema juventude”. E continua: “A extrema juventude estivera repleta de Nova York, e estava absurdamente descobrindo-a novamente, encontrando-a ao virar de cada esquina, em visões, sons, cheiros, mesmo no caos da confusão e da mudança.”<sup>38</sup>

É nesse reencontro com a infância, com o país de origem, que, na modelagem dessas subjetividades já transformadas à pressão da experiência europeia, em geral, e da influência inglesa, em particular, se forma o cosmopolitismo de James e Nabuco; e é dele que vamos tratar agora.

#### COSMOPOLITAS

O tradicionalismo *à inglesa* estava na base do cosmopolitismo de ambos os autores. Isso porque os “prazeres do sentimento histórico”, para eles, poderiam

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 49.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 160.

<sup>38</sup> JAMES, Henry. *Collected travel writings: Great Britain and America*, p. 357.

ser melhor desfrutados no velho mundo europeu do que em um continente relativamente jovem como a América. Aliás, James e Nabuco concordavam que a América, se lhe retirassem o quinhão de história herdado da Europa, ainda se encontrava em sua adolescência, senão na infância. Portanto, no que concerne aos aspectos históricos de sua formação cultural, ambos sentiam-se mais ligados ao Velho do que ao Novo Mundo; e, conseqüentemente, para utilizar a expressão de Sérgio Buarque de Holanda, sentiam-se, em certa medida, “desterrados em sua própria terra”.<sup>39</sup>

O sentimento de desterro em terra própria é explicitamente oferecido ao leitor de *Minha formação*, quando seu autor declara, no tão citado quarto capítulo das memórias, intitulado “Atração do mundo”, que “de um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação europeia”.<sup>40</sup> O mundo é apresentado em relação metonímica com a Europa e a perspectiva universalista e cosmopolita, que informa todos esses capítulos em que Nabuco narra sua *Bildung* política e literária, assenta-se no modelo de civilização europeu. Do lado de lá do Atlântico, encontram-se reunidos os elementos desse modelo, do qual somos herdeiros; do lado de cá, sentimos a ausência de um “fundo histórico” para esses elementos, o que resulta em sua imperfeita aclimação.

Para Nabuco, portanto, – e ao contrário do que queriam os nativistas do movimento romântico brasileiro – não faria sentido que a nossa imaginação histórica “parasse na Primeira Missa no Brasil, para continuar daí recompondo as tradições dos selvagens que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta”.<sup>41</sup> A ausência de civilização é preenchida apenas parcialmente pelo sentimento íntimo que dá uma forma particularizada, pessoal e nacional, à herança europeia. Por outro lado, é a aguda ausência desse vínculo íntimo que caracteriza nosso desterro quando migramos para Europa, onde somos como *squatters*, ou seja, ocupantes de uma terra da qual não temos oficialmente a posse. Trata-se, portanto, de um duplo desterro, que resulta, nas palavras de Nabuco, na “mais terrível das instabilidades”.<sup>42</sup>

<sup>39</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 19.

<sup>40</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 49.

<sup>41</sup> *Ibid.*

<sup>42</sup> *Ibid.*



\* \* \*

Esse tipo de cosmopolitismo, fundado na instabilidade e no permanente sentimento de desterro, não foi característica exclusiva, como notou Evaldo Cabral de Mello, da elite letrada brasileira ou latino-americana no começo do século XX. Ele marcou também intelectuais da costa leste dos Estados Unidos que, como Nabuco, tiveram sua subjetividade formada entre a América e a Europa.<sup>43</sup> Um desses intelectuais foi Henry James. James foi, literalmente, criado entre a América e a Europa, onde se estabeleceu definitivamente, aos 33 anos, e viveu até a sua morte, em 1916 – um ano depois de ter adotado a cidadania inglesa. Ainda assim, ele declara, nos relatos da viagem que fez aos Estados Unidos, em 1904, intitulados *The American Scene*, que “a suprema relação de alguém [...] é a relação com seu próprio país”.<sup>44</sup>

A experiência pessoal de James assume dimensões culturais mais amplas quando passamos à análise de sua obra ficcional, marcada pelo que seus comentaristas habituaram-se a aludir como “tema internacional”. Grande número de seus romances, contos e novelas contam e recontam a história de jovens americanos intensa e profundamente afetados pela experiência europeia, que passam, no exílio, por um processo de amadurecimento de seu senso moral e sua sensibilidade estética. Esse processo culmina, nas palavras do protagonista de *Os embaixadores*, em uma versão “mais completamente civilizada”<sup>45</sup> de sua subjetividade original – a subjetividade americana. Como no caso de Nabuco, a forma como James representa seu país de origem é marcada pela ideia de ausência – a ausência dos “elementos da alta civilização”, que, por sua vez, aponta para uma ausência de história. Assim, ele declara em sua biográfica crítica sobre Nathaniel Hawthorne: “A história, ainda hoje, deixou nos Estados Unidos uma camada tão fina e impalpável que nós logo podemos tocar o duro substrato da

<sup>43</sup> Cf. MELLO, Evaldo Cabral de. No centenário de Minha formação. In: NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 12.

<sup>44</sup> JAMES, Henry. *Collected travel writings: Great Britain and America*, p. 427.

<sup>45</sup> JAMES, Henry. *The ambassadors*. Londres: Penguin Classics, 2003. p. 59.

natureza; e a natureza ela própria, a oeste do Atlântico, tem a peculiaridade de se mostrar bastante crua e imatura. O próprio ar parece novo e jovem”.<sup>46</sup>

James dialoga criticamente, nesse trecho – assim como em quase toda a sua obra – com transcendentalismo romântico, vertente que se consolidou como *main stream* da tradição intelectual norte-americana, no século XIX, e cujo maior expoente foi o filósofo e poeta Ralph Waldo Emerson. O ideal emersoniano é aquele do indivíduo cujo senso moral é caracterizado pela inocência pré-lapsariana do primeiro homem no mito etiológico cristão; um indivíduo cuja moralidade não tenha sido corrompida por séculos de história e cuja potência intelectual não tenha sido solapada por uma sobrecarga de conhecimento obsoleto.<sup>47</sup> Embora extremamente crítico dessa perspectiva, James é herdeiro direto da tradição que associa a América ao *locus* por excelência da inocência e a um vazio de história. Mas, ao contrário do que ocorre na perspectiva emersoniana, para o nosso autor, essa é uma associação profundamente negativa: sociedades com uma carga histórica e cultural mais ampla seriam mais profícuas nos campos das artes, da política, da filosofia e da moral.

A sociedade americana é, aos olhos de James, eminentemente moderna; não historicamente moderna, como a inglesa, mas “meta-historicamente” moderna. A cultura americana da virada do século é informada por dois princípios complementares, que nosso autor alude como “o perpétuo repúdio ao passado” e a “vontade de crescer”.<sup>48</sup> A combinação desses princípios, assentada no ritmo de produção e consumo do alto capitalismo, parecia muito perigosa ao nosso autor. O perigo vinha justamente do fato de que uma sociedade que rejeita seu passado, suas origens culturais europeias, rejeita o tipo de cosmopolitismo no qual James fundamentava sua crítica cultural.

James era, por isso, contrário à política imigratória do presidente Theodore Roosevelt, no começo do século XX, e sua tentativa de criar uma identidade americana homogênea. Em um ensaio intitulado “Verdadeiro americanismo”, de 1894, o futuro presidente alertava para a ameaça infligida ao verdadeiro americanismo por dois tipos de estrangeirismo: o do imigrante não assimilado que

<sup>46</sup> JAMES, Henry. Hawthorne. In: \_\_\_\_\_. *Literary criticism*. Nova York: The Library of America, 1984. v. 1, p. 327.

<sup>47</sup> Cf. EMERSON, Ralph Waldo. *Essays & lectures*.

<sup>48</sup> JAMES, Henry. *Collected travel writings: Great Britain and America*, p. 400.

se recusa a adotar plenamente a identidade americana e o daquele que, tendo nascido nos Estados Unidos,

torna-se europeizado, perdendo seu poder de realizar um bom trabalho deste lado do mar e o amor por sua terra natal. [...] Nada irá mais rapidamente ou mais certamente desqualificar um homem para o trabalho bem feito no mundo do que a aquisição daquele flácido hábito mental a que seus possuidores chamam cosmopolitismo.<sup>49</sup>

Mais adiante no ensaio, torna-se claro para o leitor não apenas que James pode ser referido a esse modelo de estrangeirismo, como é ele quem Roosevelt tem em mente enquanto o descreve. Levando em consideração que, anteriormente, Roosevelt criticara Henry James publicamente por seu cosmopolitismo e pela falta dos atributos indispensáveis ao seu ideal de masculinidade e americanismo, parece claro que James serve de modelo para

o homem de letras que deixa seu país, porque, com sua delicada, efeminada sensibilidade, acha as condições de vida deste lado do mar cruas e toscas. [...] Esse *émigré* pode escrever graciosos e belos versos, ensaios e romances; mas ele jamais fará um trabalho que se compare àquele de seu irmão, que é forte o bastante para se apoiar sobre os próprios pés e realizar seu trabalho como um americano.<sup>50</sup>

James, contudo, por sua parte, rejeitava explicitamente a criação de identidades homogêneas que dissolvessem as diferenças culturais e embotassem, no indivíduo, a capacidade de avaliar criticamente sua própria cultura. No prefácio a *The american scene*, em oposição à política de assimilação cultural e ao modelo rooseveltiano de americanismo, o autor atribui ao seu cosmopolitismo a posição vantajosa em que se encontra para enfrentar o desafio de interpretar a cultura americana; a posição de quem é simultaneamente um nativo e um *outsider*. Para

<sup>49</sup> ROOSEVELT, Theodore. True americanism. In: \_\_\_\_\_. *American ideals, and other essays social and political*. Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1897. p. 20.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 23.

ele, as identidades ambíguas, cosmopolitas, alimentadas em tradições adventícias, mas também empenhadas na constituição de um passado americano geram, sem dúvida, o tipo de instabilidade subjetiva de que fala Nabuco; essa instabilidade, no entanto, não constitui, para James, uma deficiência, mas um trunfo, pois ela pode ser transformada em estratégia interpretativa para compreender a si mesmo e à cultura – ou culturas – a que se pertence; e a interpretação tanto de indivíduos, quanto de culturas, permanecerá incompleta, enquanto não se leve em conta seu passado.

No terceiro volume de sua autobiografia, intitulado *Middle years*, James narra sua viagem à Europa (pela primeira vez como jovem adulto), em 1869, e compartilha com o leitor uma experiência de sincronidade entre passado e presente, que lhe parecia impossível de ser vivida na América. Uma tarde, ao contemplar *Baco e Ariadne*, de Ticiano, na National Gallery, dá-se conta de que, ao seu lado, encontra-se ninguém menos do que o poeta e romancista inglês Charles Swinburne: “Eu vibrei [...] com o prodígio da circunstância de que eu pudesse estar admirando Ticiano no mesmo fôlego que o Sr. Swinburne – isto é, no mesmo fôlego em que *ele* admirava Ticiano e no qual eu também *o* admirava”.<sup>51</sup> O ponto que importa notar nessa anedota é que, na Europa, James se dá conta de que seu olhar sobre o mundo é mediado por camadas de passado e de tradição. Ele não apenas admira Ticiano diretamente, como também pelos olhos de Swinburne, ou seja, por meio de sua admiração por Swinburne. As consequências dessa experiência são, contudo, de ainda mais longo alcance: ela está na base da percepção de que o sujeito não enxerga a realidade – seja a realidade uma pintura, um livro ou os valores morais de uma determinada sociedade – através de um meio transparente; o olhar do sujeito é, ao contrário, mediado por valores, modos de vida, tipos de sociabilidade informados por uma determinada cultura; em outras palavras, trata-se da percepção de que enxergamos a realidade de uma determinada perspectiva, de um ponto de vista cultural.

A percepção de que cada um de nós vê o mundo de um ponto de vista cultural é o mais concreto resultado da *Bildung* dos personagens norte-americanos em viagem pela Europa, nos romances de James. A ausência dessa percepção

<sup>51</sup> JAMES, Henry; COLLISTER, Peter (Ed.). *Notes of a son and a brother and Middle years*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2011. p. 436.

está, por seu turno, na base de um equívoco que, segundo nosso autor, pode ser frequentemente atribuído a viajantes norte-americanos. O equívoco, tal como James o define em um ensaio sobre o crítico inglês Mathew Arnolds, está em que os americanos “pressupõem tacitamente que sua forma de vida é a forma normal”. Esse pressuposto, continua ele, “forma uma enorme superfície branca contra a qual o esforço crítico e perceptivo do presunçoso estrangeiro é desperdiçado, até o momento em que ele espia, no incomensurável espaço, uma janela que é subitamente aberta”.<sup>52</sup> Quando uma “janela” é subitamente aberta em sua consciência nacional, os norte-americanos (ou qualquer pessoa de qualquer país) tornam-se capazes de perceber a cultura estrangeira como tão “normal” e válida quanto a sua própria cultura de origem.

A metáfora da “janela aberta para a realidade” viria a aparecer novamente no famoso prefácio à edição nova-iorquina de *O retrato de uma senhora*, em que James compara a narrativa ficcional a uma grande casa com um número indeterminado de janelas, pelas quais diferentes autores olham para a vida e formam diferentes impressões (da mesma) realidade.

A casa da ficção não possui, enfim, apenas uma janela, mas um milhão – o número incontável de janelas possíveis, na verdade; cada uma delas foi aberta, ou ainda pode ser aberta, em sua vasta parede fronteira, segundo a necessidade de visão individual e pela pressão da vontade individual. Essas aberturas, de forma e tamanho dissimilares, voltam-se de tal modo, todas juntas, para a cena humana, que nós poderíamos esperar delas uma maior igualdade de percepção do que aquela que encontramos. Elas são, na melhor das hipóteses, apenas janelas, meros buracos em uma parede morta, desconectadas, cada qual em seu canto; elas não são portas francesas abrindo-se diretamente para a vida. Mas elas possuem, como marca própria, o fato de que em cada uma se encontra uma figura com um par de olhos, ou ao menos binóculos, que formam constantemente, para observação, um instrumento único, possibilitado à pessoa que o utiliza uma impressão distinta de toda e qualquer outra.<sup>53</sup>

<sup>52</sup> JAMES, Henry. Mathew Arnold. In: \_\_\_\_\_. *Literary criticism*. v. 1, p. 721.

<sup>53</sup> JAMES, Henry. *Literary criticism*. Nova York: The Library of America, 1984. v. 2, p. 1075.

A criação literária, para James, fundamenta-se na percepção subjetiva da realidade e, porque subjetiva, heterogênea em relação a todas as outras. Não há porta aberta diretamente para a realidade; não há acesso objetivo e absoluto ao real, apenas janelas de tamanhos e formas diferentes, de onde se pode ver, sob variáveis jogos de luz e sombra, somente um matiz da realidade. A recorrência do uso da metáfora da janela aberta para a realidade no caso da criação literária e no caso da relação com uma cultura estrangeira não é mera coincidência, pois, para James, a criação literária é um processo similar àquele por meio do qual alguém passa aos poucos a compreender as especificidades culturais de um país estrangeiro.

A janela pela qual James olha pela primeira vez para a paisagem europeia é uma janela inglesa – na verdade, ela vai se revelar a grande porta de entrada para o Velho Mundo. James, como Nabuco, encontra na cultura inglesa os elementos mediadores ideais que promovem a síntese entre os aspectos de sua subjetividade que o ligam ao seu país de origem e aqueles outros aspectos que o conectam às milenares tradições europeias. Similarmente ao caso de Nabuco, a estada de James na Inglaterra (que, poucos anos mais tarde, vai se tornar permanentemente seu país de residência) marca o ponto de transição da extrema juventude para a maturidade; de uma consciência nacional relativamente homogênea para uma ampliada consciência cosmopolita.

\* \* \*

Até este ponto, procurei desenvolver argumentos que apontam para a convergência das experiências de cosmopolitismo de Henry James e Joaquim Nabuco. Essas experiências têm em comum a valorização da herança cultural europeia e de seus elementos tradicionais; a construção de identidades heterogêneas, que confrontam o nacionalismo de tipo ortodoxo; a simpatia pela combinação entre modernidade e tradição, que pode ser encontrada na cultura e sociedade inglesas. Tal convergência assenta-se, sobretudo, na comparação entre textos tardios de Henry James de cunho autobiográfico e em *Minha formação*, livro composto por ensaios que Nabuco escreveu na década de 1890. No entanto, entre 1905 e 1910, na qualidade de embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Nabuco profere, em universidades norte-americanas, uma série de conferências que apontam para uma marcada inflexão em seu cosmopolitismo, cujas bases “anglófilas” parecem, ao menos à primeira vista, ser suplantadas por um universalismo de tipo americanista.

Durante esses anos, a estratégia diplomática de Nabuco centrou-se em um pan-americanismo de caráter monroísta,<sup>54</sup> fundamentado na crença de que uma aliança entre Estados Unidos e Brasil seria o meio mais rápido e eficaz de introduzir este último país no concerto das nações civilizadas. Como nota Kenneth David Jackson, “o propósito de Nabuco, nesse empreendimento, é ser não apenas o embaixador de um país, mas de toda uma língua e cultura, e de um continente e uma vivência comum”.<sup>55</sup> Entre as mais importantes conferências, três dedicam-se a desenvolver a ideia de uma comunidade cultural formada pelos países do continente americano em ambos os hemisférios e outras três pretendem divulgar a obra épica e lírica de Luís de Camões e, por meio dela, o ideal de uma cultura luso-brasileira clássica.<sup>56</sup>

Na conferência intitulada “A parte da América na civilização”, o universalismo americanista de Nabuco aproxima-se ao máximo do ideal emersoniano de independência da América em relação à Europa, ao defender a ideia de que os americanos puderam dar uma contribuição original à civilização ocidental e que esta contribuição é sua forma específica de democracia. A “democracia americana”, diz ele, “é novidade genuína de feitiço desconhecido. Nem os antigos a produziram, nem a produziria a Europa”.<sup>57</sup> Curiosamente, essa proposição se afina com a política do então presidente Theodore Roosevelt, cujo modelo de americanismo combate o tipo de cosmopolitismo e a valorização da tradição europeia – modelo que estivemos atribuindo não somente a Henry James, senão também a Joaquim Nabuco.

De fato, em sua atuação como embaixador, Nabuco buscou conquistar a boa vontade do governo Roosevelt. A noção de “originalidade americana” é a

<sup>54</sup> A Doutrina Monroe, cujo lema era “América para os americanos”, buscava sintetizar, já nas primeiras décadas do século XIX, a política de defesa dos Estados Unidos contra a intervenção europeia no continente americano.

<sup>55</sup> JACKSON, Kenneth David. O embaixador americanista: as conferências de Joaquim Nabuco nos Estados Unidos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Conferências sobre Joaquim Nabuco: Joaquim Nabuco em Yale*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2010.

<sup>56</sup> As conferências foram escritas e proferidas em inglês e intitulam-se, respectivamente: *The spirit of nationality in the history of Brazil* (Universidade de Yale, 1908), *The approach of the two Americas* (Universidade de Chicago, 1908), *The share of America in civilization* (Universidade de Wisconsin, 1909), *The place of Camoens in literature* (Universidade de Yale, 1908), *Camoens, the lyric poet* (Vassar College, 1909), *The Lusíadas as the epic of love* (Universidade de Cornell, 1909).

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 539.

marca dessa aproximação. Segundo ele, a imigração, nos Estados Unidos, imprimiu uma feição particular à democracia norte-americana. “A imigração”, diz Nabuco, “fez da pátria simples questão de vontade.” E continua:

A América é de fato a Nova Europa; mas enquanto a Velha Europa mantém suas barreiras raciais por patriotismos diferentes e tradições distintas, com idiomas também distintos, vemos aqui, na Nova Europa, essas mesmas raças do Velho Mundo misturarem-se, casarem-se, esquecerem as tradicionais alianças, trocarem a velha alma europeia pela nova americana, e enquanto se está processando essa fusão, através de milhões de indivíduos, permaneceis uma nação cuja fórmula étnica varia necessariamente em cada geração. Os componentes raciais da vossa nacionalidade mudam tão rapidamente suas relativas proporções que ninguém pode dizer como estejam colocados em relação uns aos outros. Vossa consciência nacional não precisa felizmente ajustar-se a esse censo, nem aguarda que se analise a raça. Contenta-se com a síntese inalterável que é apenas esta: americana.<sup>58</sup>

Nesse trecho, Nabuco parece fazer a apologia do *melting pot* americano que Henry James tanto abominava por subtrair ao imigrante sua “cor local” adventícia e, assimilando-o, transformá-lo em algo semelhante a uma peça de tecido, a qual, tendo sido submersa em uma infusão de água quente, descoloriu-se – “uma imagem razoavelmente neutra e sem cor”.<sup>59</sup> No entanto, uma leitura cuidadosa do conjunto das conferências torna claro que seu autor estava longe de propor a ruptura da cadeia histórica entre América e Europa. Mesmo na conferência anteriormente citada, a noção de originalidade jamais suplanta a de continuidade. Assim é que Nabuco afirma que

ao escrever [...] a história da civilização, nosso cuidado em não omitir o resto da humanidade não deve ser menor que o de não esquecer a América. A raça americana não nasceu de chofre em estado adiantado de civilização.

<sup>58</sup> NABUCO, Joaquim. A parte da América na civilização. In: MELLO, Evaldo Cabral de (Org.). *Essencial Joaquim Nabuco*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2010. p. 536.

<sup>59</sup> JAMES, Henry. *Collected travel writings: Great Britain and America*, p. 462.



Constituiu-se, no período de formação, dentro da própria raça inglesa, que foi apenas crescendo em outro ambiente. Constituiu-se hoje da fusão da raça inglesa com outras raças, mas ainda sob sua predominância.<sup>60</sup>

Esse trecho deixa claro que, embora o universalismo de Nabuco dê uma guinada político-diplomática na direção dos Estados Unidos e lance a ideia de originalidade americana, seu autor não se conforma ao rígido modelo de nacionalismo rooseveltiano. Ao invés disso, a sensibilidade cosmopolita de Nabuco “tempera” a originalidade com continuidade; presente e futuro com passado. A flexibilidade tipicamente inglesa, que é capaz de combinar tradicionalismo e modernismo, permanência e mudança, nacionalismo e universalismo informa não apenas as estratégias retóricas, mas também a substância das conferências nabuqueanas. Em um trecho de sua conferência intitulada *Camões, the lyric poet*, proferida às alunas do Vassar College, em 1909 – trecho que muito bem poderia ter sido escrito por Henry James – Nabuco declara que

Uma humanidade exclusivamente interessada no presente, que perde gradualmente sua memória, incapaz de fruir o que deveria ser seu maior prazer, o prazer de viver outra vez, através da recordação, em suas eras de arte e poesia e lenda, seria uma triste visão, por maior que seja o desenvolvimento material em torno dela.

Como Henry James, também Nabuco temia a combinação destrutiva entre a “vontade de crescer” e o “perpétuo repúdio ao passado”. Se acreditava que o Brasil poderia tirar proveito do exemplo de crescimento e prosperidade material norte-americano, isso não significa que o embaixador brasileiro considerasse que os vínculos tradicionais devessem ser sufocados em favor de identidades nacionais homogêneas. Nas conferências sobre Camões, Nabuco esforça-se, ao contrário, em demonstrar a importância desses vínculos tradicionais, da histórica origem europeia dos povos americanos, na construção das novas nações a oeste do Atlântico.

<sup>60</sup> NABUCO, Joaquim. A parte da América na civilização, p. 533.

\* \* \*

Ao longo de boa parte do século XX, tanto Henry James quanto Joaquim Nabuco sofreram duras críticas, cujo alvo foi, alternadamente, seu tradicionalismo, seu eurocentrismo, sua falta de nacionalismo, seu elitismo intelectual e artístico. As vanguardas da década de 1920 desprezavam seu gosto pelas tradições europeias e seu sentimento histórico. É bastante conhecida a crítica de Mário de Andrade que, em carta ao jovem Carlos Drummond de Andrade, o alerta a respeito da “moléstia de Nabuco”. Como notou Ítalo Moriconi, essa advertência nada mais é que um ataque ao eurocentrismo nabuqueano.<sup>61</sup> James, por sua vez, foi recorrentemente acusado de ser um esteta isolado em sua torre de marfim, despreocupado com a realidade social e cultural de seu país.

Nas últimas décadas do século passado e na primeira deste, todavia, uma série de estudos tem oferecido releituras das obras de ambos os autores, interessando-se particularmente pelos aspectos que apontam para aquilo que, ao longo deste artigo, chamei de sensibilidade cosmopolita. Esse esforço indica, a meu ver, um interesse de nosso próprio tempo por manifestações da subjetividade marcadas por ambivalências, paradoxos e heterogeneidade. Com isso não pretendo sugerir uma aproximação anacrônica dos autores aqui abordados, mas um profícuo esforço interpretativo em relação à sua sensibilidade cosmopolita; esforço que permita, talvez, uma melhor compreensão da nossa própria sensibilidade cosmopolita contemporânea.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas 3)
- EDEL, Leon. *Henry James: a life*. Londres: Flamingo, 1996.
- EMERSON, Ralph Waldo. *Essays & lectures*. Nova York: The Library of America, 1983.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- JACKSON, Kenneth David. O embaixador americanista: as conferências de Joaquim Nabuco nos Estados Unidos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Conferências sobre Joaquim Nabuco: Joaquim Nabuco em Yale*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2010.

<sup>61</sup> Cf. MORICONI, Ítalo. Um estadista sensitivo: a noção de formação e o papel do literário em *Minha formação*, de Joaquim Nabuco. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 46, p. 161-172, 2001.

- JAMES, Henry. *Literary criticism*. Nova York: The Library of America, 1984. v. 1 e 2.
- \_\_\_\_\_. *Collected travel writings: Great Britain and America*. Nova York: The Library of America, 1993.
- \_\_\_\_\_. *The golden bowl*. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The ambassadors*. Londres: Penguin Classics, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Notes of a son and a brother and Middle years*. Editado por Peter Collister. Charlottesville: University of Virginia Press, 2011.
- MELLO, Evaldo Cabral de. No centenário de *Minha formação*. In: NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 9-16.
- MORICONI, Ítalo. Um estadista sensitivo: a noção de formação e o papel do literário em *Minha formação*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 46, p. 161-172, 2001.
- NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- \_\_\_\_\_. A parte da América na civilização. In: MELLO, Evaldo Cabral de (Org.). *Essencial Joaquim Nabuco*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2010.
- POE, Edgar Allan. *Selected works*. Nova York: Gramercy Books, 1990.
- ROOSEVELT, Theodore. True americanism. In: \_\_\_\_\_. *American ideals, and other essays social and political*. Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1897.
- SIMMEL, George. *The philosophy of money*. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Philosophie de la modernité*. La femme, la ville, l'individualisme. Paris: Payot, 1989.
- \_\_\_\_\_. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, out. 2005.
- TRILLING, Lionel. *Sincerity and authenticity*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1972.